



Ana Loya
Administradora da Ray Human Capital

Há um ano atrás, fazendo o balanço de 2008 e perspectivando 2009, dizia eu, neste espaço, que era a altura de “pormos os nossos talentos a render”, tempo de apertar os cintos, de distinguir o essencial do acessório, de manter a cabeça fria e trabalhar o melhor possível. De repente, o ano de 2009 está a acabar e há que fazer um novo balanço.

A face da estratégia oculta

Perspectivar 2010 é um exercício quase lúdico porque as variáveis que interagem no nosso País são inúmeras. A teoria do Modelo de Avaliação de Competências tem um pressuposto de que “quem no passado em determinada circunstância revelou um dado comportamento, provavelmente

tenderá a repeti-lo no futuro numa circunstância análoga”. E este modelo funciona! Por isso é tão preocupante pensar em previsões para os portugueses. Tentar antecipar sobre o que se pode melhorar em 2010 que, na realidade, é só a continuação de 2009, 2008, 2007, etc., pensando que somos as mesmas pessoas de sempre, com padrões de comportamento repetidos e, pelos vistos, não muito eficazes, é um exercício hercúleo.

A crise a nível mundial atinge o nosso mercado de trabalho: as multinacionais estão contidas, a encolher em Portugal e, quando crescem, fazem-no em outros países com mais quadros profissionalmente qualificados

e com Legislações Laborais mais inteligentes. A nível nacional – como reflexo da crise mundial – também decresceu o mercado de emprego. O comércio internacional decresceu, as oportunidades esconderam-se e as empresas que sobrevivem fazem o melhor que podem para manter os quadros que têm. Ao nível da nossa realidade nacional, composta essencialmente pelo motor económico das PME sinto-me tentada a parafrasear um dos Doutores do futebol que terá dito que “prognósticos só no fim do jogo”. O rendimento das empresas baixou. As tesourarias e o cash ainda mais porque, está na moda, pagar o mais tarde possível e impossível, criando situações insustentáveis de tesouraria. Há empresas saudáveis, mas com problemas de cash porque os clientes não pagam (muitos fecharam), mas não há qualquer tolerância para pagar ao Estado.

Reconheço que muitas organizações têm feito uma caminhada cautelosa e tranquila: aumentos congelados, manutenção dos postos de trabalho – investimento até nos quadros da empresa – e até criação de postos novos. Mas, infelizmente, não é esse o padrão!

Os nossos políticos – eleitos por nós – saberão melhor que eu o que fazer! Deve tratar-se, seguramente, de uma estratégia oculta (também está na moda). Quanto aos nossos talentos (talvez escondidos debaixo da terra ou do colchão) não sei se podem render muito mais. Eu, para já não me apetece fazer balanços de um ano que, estou convencida, ainda está longe de acabar.